

Murad já tem a proposta de Arida e Resende

Reposa sobre a mesa do genro e secretário particular do presidente José Sarney, Jorge Murad, a proposta, de cerca de duas laudas, elaborada pelos economistas Pêrsio Arida e André Lara Resende. Ela constitui um esboço de ressurreição do Plano de Estabilização da economia, que nada tem a ver com o programa que será apresentado amanhã no Congresso Nacional pelo ministro da Fazenda, Dílson Funaro, que por sinal está rompido com os dois economistas desde que eles se afastaram do governo, quando o Plano Cruzado começou a tomar rumos distantes do que imaginaram inicialmente.

A dupla "Larida", pai do Plano Cruzado, está colocada à sua revelia na intercessão de um conflito político interno que não desejaria e que a desagrada na medida em que não são políticos nem pretendem apresentar um novo plano, embora nunca vão recusar-se a discutir idéias e sugestões. Funaro foi apenas "informado" dos contatos iniciados com Pêrsio e Lara Resende pelo influente Jorge Murad, num apartamento em Brasília, tendo ainda as presenças do presidente do Banco Central, Francisco Gross, o secretário do Tesouro Nacional, Andréa Calabi, e Miguel Ethel.

Como bons alunos da professora Maria da Conceição Tavares, os dois economistas opinam — não fazem planos porque não estão no governo, e portanto isto não lhes compete — que as bases de um novo plano de estabilização da economia estão na indexação geral da economia, através da oficialização de um anova moeda, que seria a Obrigação Reajustável do Tesouro (OTN), acompanhada de um ajuste drástico do setor público e a complementação do realinhamento de preços.

Estes, aliás, foram os pontos do plano exigido pelos banqueiros internacionais e já

apresentado pelo presidente do Banco Central, Francisco Gross, e endossado pelo ministro Dílson Funaro à banca de credores. Funaro, assim, é acusado de apresentar um plano econômico para o público interno e outro para o externo. No primeiro, o país sustentaria um crescimento entre 6 e 7 por cento. Para os credores, este crescimento já estaria sendo desacelerado a partir de agora, o que significa a recessão que os empresários já começam a detectar.

Para os credores internacionais, ele afirma que o déficit público já está quase sob controle, o que representa queda da demanda interna e, portanto, da atividade econômica. Enquanto isto, os seus dois principais assessores, Luiz Gonzaga Beluzzo e João Manoel Cardoso de Mello, dizem que o déficit público continuará alto, o que significa o contrário. Pêrsio Arida e Lara Resende, ao contrário, no segundo encontro que mantiveram com Murad, na presença de Beluzzo e, portanto, com o conhecimento de Funaro, reafirmaram aquilo que já tinham dito quando estavam no governo, antes, durante e depois do Plano Cruzado: o rigoroso controle do déficit público era condição essencial para o seu sucesso e para a política de combate à inflação.

O tema voltou a ser discutido no dia 14 de março, por iniciativa do presidente José Sarney. E, mais uma vez, Pêrsio Arida e Lara Resende manifestaram a convicção de que a falta do controle do déficit comprometia de forma essencial o Plano. Isto fez com que se pensasse que quando viajou ao exterior para negociar com os credores, após a queda de Sayad, o ministro da Fazenda já tinha um plano e preparava as suas providências. Funaro, como se soube depois, não tinha programa algum.